

Bom dia a todas e a todos os presentes, a quem muito agradeço a participação nesta iniciativa promovida pela Rede Integrada de Oeiras contra a Violência (RIOCV) e que convoca cada uma e cada um de nós a refletir sobre uma temática difícil, que magoa e é incompreensível que permaneça nos dias de hoje.

Esta Rede, que surge a partir do grupo de trabalho da Violência, da Rede Social de Oeiras, concretiza o princípio preconizado pela Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica, também conhecida como Convenção de Istambul (2011), mais concretamente a existência de políticas e práticas integradas, colocando os direitos da vítima no centro de todas as medidas.

A sua implementação requer o envolvimento de todos os atores relevantes, desde decisores políticos a organizações governamentais e não governamentais.

Este encontro é uma das atividades da RIOCV, que visa contribuir para a visibilidade das diferentes formas de violência contra as mulheres, identificar obstáculos e propor soluções, apostar na sensibilização e capacitação de profissionais, bem como definir fluxogramas concelhios para uma gestão mais eficaz e eficiente desta problemática.

O tema que nos reúne aqui hoje é a violência contra as mulheres migrantes. As migrações e as diferentes formas de violência que as mulheres migrantes vão sofrendo ao longo do processo migratório, traduzem a própria inteseccionalidade da violência.

Segundo a UN Women, a agência das Nações Unidas para as Mulheres:

- * Em todo o mundo, 736 milhões de mulheres - quase uma em cada três - foi vítima de violência física e/ou sexual por parte do parceiro íntimo, de violência sexual fora do parceiro, ou de ambas, pelo menos uma vez na vida.

- * Mais de 640 milhões de mulheres com idade igual ou superior a 15 anos (26%) foram objeto de violência por parte do parceiro íntimo.

- * A nível mundial, 6% das mulheres declaram ter sido alvo de violência sexual por parte de alguém que não o marido ou parceiro. É expectável

que, tendo em conta o estigma associado a este tipo de violência, esta percentagem seja muito superior.

* Cerca de 15 milhões de raparigas adolescentes em todo o mundo, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, foram vítimas de sexo forçado, por parte de marido, parceiro, namorado atual ou anterior. Com base em dados de 30 países, apenas um por cento procurou ajuda profissional.

* 91% das vítimas de tráfico para fins de exploração sexual são do sexo feminino. A análise dos processos judiciais revela que as vítimas do sexo feminino são sujeitas a violência física ou extrema às mãos dos traficantes a uma taxa três vezes superior à dos homens.

São números e percentagens impressionantes, que efetivamente, nos magoam.

Em Portugal, o Relatório Anual de Segurança Interna, da Direção-Geral da Política de Justiça (DGPIJ), de 2022, destaca a violência doméstica que em Portugal registou 30 488 participações, representando um aumento de 3968 casos (+ 15%).

Atendendo às tipologias desta categoria, a violência doméstica contra cônjuge ou análogo assumiu, em 2022, 86% de toda a violência doméstica.

Em Oeiras, ainda segundo a Direção-Geral da Política de Justiça, registou-se uma subida de 11,3%, em 2022, face ao ano anterior, relativamente aos crimes de violência doméstica contra cônjuge ou análogos.

Os dados do Gabinete de Apoio à Vítima de Oeiras, promovido pela APAV, a quem agradeço, desde já o importante papel que têm desempenhado no nosso concelho, mostram que, pese embora a maioria das vítimas tenham a nacionalidade portuguesa, há registo de vítimas com nacionalidade brasileira, angolana, moçambicana e santomense.

Sabemos que haverá uma subnotificação das situações de violência, por razões várias, pelo que é importante difundir amplamente a mensagem de que em Oeiras, temos respostas eficazes, serviços e profissionais capacitados para uma intervenção de qualidade.

A Rede Integrada de Oeiras contra a Violência (RIOCV) é a nossa resposta especializada, com entidades parceiras e profissionais dedicados e comprometidos com esta causa.

Acabo a realçar o que todas as pessoas aqui presentes tão bem sabem, mas nunca é de mais repetir:

- * A violência contra as mulheres é uma grave e inaceitável violação dos direitos humanos das mulheres e, também, um problema de saúde pública.

- * A violência pode afetar negativamente a saúde física, mental, sexual e reprodutiva das mulheres, bem como aumentar o risco de contrair o VIH e outras doenças sexualmente transmissíveis.

Juntos e juntas podemos criar um mundo em que todas as mulheres e raparigas possam viver livres, sem medo e sem violência.

Por fim agradeço à equipa que trabalha a igualdade no município de Oeiras e aos oradores que aceitaram o convite para connosco partilharem as suas visões, preocupações e expectativas. A partilha da sua experiência e conhecimento enriquece-nos e ajuda-nos a refletir sobre o caminho que fazemos.

Muito obrigada e votos de um excelente e empoderador dia de trabalho.

Oeiras, 25/11/2024